JORNAL DO INSTITUTO HISTÓRICO DE NITERÓI

Rubens Falcão

Pede-me o meu amigo José Inaldo um artigo para esta página sobre o Barão de Studart. Para atendê-lo, vou tentar aqui uma niniatura do "Alexandre Herculano do norte do Brasil", como ao eminente historiógrafo chamou Vieira Fazenda.

Nasceu o Barão em Fortaleza, a 5 de janeiro de 1856, e em Fortaleza faleceu a 25 de setembro de 1938. Era primogênito do inglês John William Studart e de sua mulher, D. Leonísia de Castro Barbosa. Esse John William, que chegara àquela cidade a 4 de novembro de 1840, foi o fundador da família e o vice-cônsul britânico no Ceará. Substituiu-o, após sua morte, o filho em 25 de julho de 1879.

Depois do "Ateneu Cearense", Guilherme foi mandado estudar em Salvador, no "Ginásio da Bahia", dirigido por Abílio César Borges, preceptor de Rui e de Castro Alves. Na Bahia doutorou-se em Medicina no dia 15 de dezembro de 1877. Foi o ano da terrível seca que invadiu o Ceará e da sua estréia à cabeceira de milhares de patrícios que sucumbiam ao peso do tremendo flagelo. Precários ainda os recursos que tinha em mãos, porém apostolar a sua presença entre as vítimas do cataclisma que a fome e a peste devastavam.

A sua preferência pelos estudos históricos, principalmente no tocante à terra natal, manifestou-se desde que chegou ao Ceará de volta da Bahia. Foi, nesse sentido, a autoridade máxima, assim reconhecida pelo grande Capistrano de Abreu, que não era homem de louvores fáceis. "Trazendo já o seu indeclinável gosto por essas procuras" — nota Raimundo Girão — , "deu com a historiografia andando de gatinhas". Logo tomou a si a tarefa de abridor e batedor de caminhos, que só a completa cegueira, logo após a morte aos 82 anos, o impediria de continuar. Studart escreveu muito para os jornais e periódicos e realizou, ao longo da sua vida, confe-

rências sobre temas históricos em diversas instituições. Tudo isso com um amor e uma constância que o levaram a instalar em sua própria casa, para editar trabalhos seus, uma oficina tipográfica. Ele não foi, como é fácil de se verificar, um diletante da História, um simples amador, mas um grande, sincero o obreiro intelectual, despido de qualquer vaidade, e para quem "o melhor que podemos fazer da vida", — segundo William James citado por Raimundo Girão — "é consumi-la em alguma coisa mais duradoura que ela mesma". Investigou com profundidade a história do Ceará. Numa das suas viagens à Europa, (então, para se ir à Europa, era preciso ser rico. . .) conheceu Sant'Ana Nery, que em 1893 escrevia de Paris: . . . "achava-me eu engolfado na leitura de uns manuscritos, quase apagados pela mão do tempo, naquela famosa Biblioteca de Lisboa, tão repleta de preciosidade e tão poética de aspecto que a gente tem vontade de aí passar a vida, — quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz, modesto, que sobraçava enormes maços de papéis já cobertos de apontamentos. Soube pelo amável e erudito bibliotecário que aquele estudioso, sempre o primeiro a chegar e o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patrício nosso, um nortista, natural de Fortaleza, o Dr. Guilherme Studart, que estava a coligir materiais sobre a sua terra natal. — Até que afinal, deparava-me a minha boa estréia um brasileiro todo dedicado às letras, alheio ao burburinho revolucionário, ocupado com a única coisa que sobrevive — a arte!"

Autêntico humanista, era versado nos escritores latinos e gregos. Fundador do Instituto do Ceará foi proclamado, em 1929, seu Grande Benemérito e Presidente Perpétuo. Nesse Instituto, o mais importante de todo o Norte e Nordeste, hoje sob a austera e digna presidência do General Dr. Carlos Studart Filho, tem assento muitas das mais cultas e belas inteligências da minha terra. Uma "Revista", que só encontra similar na do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, circula ininterruptamente desde o ano da sua fundação (1887). No dia 5 de janeiro de 1956 comemorou em sessão magna o centenário de seu benfeitor, a quem Leão XIII, no Breve de 22 de janeiro de 1900, outorgou o Baronato e Jorge V as honras e regalias de Membro da Ordem do Império Britânico. Consagrando-se, durante mais de quarenta anos, ao apostolado vicentino foi, como observa o jornalista Luís Sucupira, "uma reprodução viva e palpitante de Vicente de Paulo e Frederico Ozanam em terras cearenses".

Considera-se a sua mais notável obra o "Bio-Bibliográfico Cearense", em três volumes. O Barão contribuiu ainda com inúmeros trabalhos para a literatura médica e, como bom historiador, não podia ser indiferente à ciência do Folclore. . . Assim, escreveu "Notas sobre a linguagem e costumes do Ceará" (1892) e "Usos e superstições cearenses" (1910). O erudi-

tíssimo Luís da Câmara Cascudo insere na sua "Antologia do Folclore Brasileiro" o nome do Barão de Studart entre "os mais estudiosos de sua terra. Exemplo de existência serena e dedicada aos superiores ideais". Conheci-o na minha adolescência em Fortaleza. Sempre que era convidado comparecia, para prestigiá-los, às reuniões promovidas por estudantes na sede de "Conquista", mensário de Pedro Firmeza, que veio depois a ser Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura do Rio.

Era Guilherme Studart uma figura extremamente simpática, impecável na sua indumentária de homem do "ancien régime". Uma glória do Ceará. Uma glória do Brasil.

A Tribuna de Niteroi — 23.10.77.